



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 4

ABRIL 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU

EM CADERNOS

TOMO XXIII

Abril de 1982

Nº 4

SUMÁRIO

Página

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA	98
FIGURAS DO PASSADO	99
REVELAÇÕES DO ARQUIVO HISTÓRICO DE BLUMENAU	101
INGO HERING	102
HISTORIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	105
ACONTECEU... — Março de 1982	112
A CRIAÇÃO DO DISTRITO DE PAZ DE ENCRUZILHADA	114
LIVROS DE AUTORES CATARINENSES	117
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	120
A APOSTA	122
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	124

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — "Blumenau em Cadernos" completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque a partir do próximo número, a capa traz a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA., localizada à rua Alwin Schrader nº 100).

A História de Blumenau revela:

Carta do fundador da Colônia ao Presidente da Província apresentando orçamento para a reforma da primitiva capela católica, coberta de palha e palmito, para mudar a cobertura para telha e algumas estruturas — e pedindo a devida autorização (Transcrito dos documentos arquivados na Baixa Saxônia).

“Ilmo. e Exmo. Snr.

Tendo o padre Roemer, vigário desta Colônia, representado que o miserável estado da Capela provisória da povoação desta Colônia, permite apenas continuar na mesma com a celebração do culto divino, visto que a chuva penetra pela cumieira de folhas de palmeira e o vento apaga as velas, etc., e tendo eu me convencido deste triste estado e da urgente necessidade de reparos, venho respeitosamente pedir V.^a Ex.^o queira autorizar-me, para sem demora proceder à estes reparos.

O orçamento incluso detalhadamente evidencia a natureza dos trabalhos á fazer, podendo eles ser executados por empreitada e por conta dos fundos que estão no cofre desta Diretoria, como receita das terras vendidas e do reembolso das dívidas dos colonos.

Peço portanto respeitosamente a V.^o Ex.^a, queira autorizar-me para proceder com urgência os reparos e trabalhos indicados no orçamento incluso.

Deus Guarde V.^o Ex.^a. — Ilmo. e Exmo. Snr. André Cordeiro de Araujo Lima, Dmo. Presidente da Província. — em 26 de abril de 1870. — O Diretor Hermann Bruno Otto Blumenau”.

“Orçamento da despesa de um teto de telhas e de três janelas para a capela provisória católica:

1 — 514 palmos, ou 113,8 metros correntes de madeira de construção para o próprio teto; á 636 rs. pelo metro ou 140 rs. pelo palmo corrente incluída feita a colocação	71\$960
2 — 85 palmos de ditas existentes, para ligar e erigir, á 40 rs.	3\$400
3 — 18 cravos ou cavilhas para os caibros, á 60 rs.	1\$000
4 — 7 dúzias de sarrafos á 3\$000	21\$000
5 — 1/2 dúzia de tábuas duras para os lados do teto (para-vento)	6\$000
6 — 10 tt de pontas de Paris á 22 rs.	2\$200
7 — 2.000 telhas chatas, inclusive transporte, á 28\$000	76\$000
8 — 28 telhas vias de espigão, á 80 rs.	2\$240
9 — 2.000 lascas á 6\$000 o milheiro	12\$000
10 — 2 alqueires de cal á 1\$000	2\$000
11 — 4 d ^o s. de areia á 100 rs.	\$400
12 — 85 metros quadrados de telhado; a aprontar, inclusive todos os trabalhos e assessórios, á 220 rs. pelo metros	

quadrado	18\$700
13 — 3 janelas de 6 palmos de altura e 4 de largura; inclusive os materiais e a colocação no lugar, á 15\$500	46\$500
Total	263\$480

Colônia Blumenau, 16 de abril de 1870.
O Diretor: Dr. H. B. O. Blumenau".

N. da R. — A capela em apreço foi reconstruída de acordo com o pedido feito ao Presidente da Província pelo fundador da cidade. A partir de então, (1870), processou-se um movimento comunitário para a construção de um templo em alvenaria, o que contou com o apoio geral, especialmente da parte do Dr. Blumenau. Tanto assim que, a 24 de dezembro de 1876, a capela de madeira fruto da reforma acontecida em 1870, foi substituída pela capela construída em alvenaria, cujo projeto foi elaborado pelo arquiteto Henrique Krohberger, em 1865. E então, após servir seis anos aos católicos, a capela de madeira (1870-1876) foi demolida.

FIGURAS DO PASSADO

FRANZ ZIMDARS

FRANZ ZIMDARS, nasceu em 22 de julho de 1866, em Pölsien, norte da Alemanha.

No ano de 1880, quando tinha 14 anos de idade, veio em companhia de seus pais Johan e Karolina Zimdars para o Brasil, estabelecendo-se na localidade de Itoupava Rega, município de Blumenau.

Após estabelecer-se em Itoupava Rega, dedicou-se de corpo e alma, ao bem comum da sua nova Pátria. Sua primeira atividade foi como auxiliar de agrimensor, tendo participado de quase todas as medições dos terrenos de Itoupava Rega, Vila Itoupava e Massaranduba. Fato histórico aconteceu no ano de 1882, quando efetuavam a medição na localidade de Vila Itoupava/Massaranduba: os mesmos se perderam no mato, sendo que já tinham sido dado como mortos, quando finalmente após 2 semanas, conseguiram sair do mato na localidade de Joinville.

No ano de 1888, Franz Zimdars iniciou com o comércio, o único na época do atual Distrito de Itoupava, e por sinal um dos primeiros existentes no interior do município de Blumenau. Esta firma foi se desenvolvendo sob a sua administração, até o ano de 1941, quando a transferiu para o filho, passando a mesma a denominar-se Arthur Zimdars, sendo que a mesma no ano de 1963, passou a ser firma coletiva, denominando-se Comércio e Indústria Zimdars Ltda.

Quando iniciou o comércio, os produtos eram adquiridos da séde (Blumenau), sendo os mesmos transportados em lombo de cavalos, posteriormente quando, os poucos habitantes fizeram uma estrada carroçável, o transporte passou a ser feito por carroças, viagens estas, de Itoupava Rega até a séde que duravam três dias.

No ano de 1895, Franz Zimdars casou com Bertha Falk.

No ano de 1898, fo o idealizador e sócio fundador do Clube de Caça e Tiro Itoupava Rega.

No ano de 1906, em 12 de julho em reunião da comunidade local por ele presidida resolveu-se desmembrar a mesma da Igreja Evangélica de Itoupava Central, e construir uma própria na localidade de Itoupava Rega (imediações do hoje Posto Suinocultura) construção esta que servia para Igreja e Escola.

No ano de 1907, ficou viuvo, e enfrentando inúmeros problemas com os filhos menores, casou novamente no mesmo ano com a irmã da sua ex-mulher, dona Ida Falk.

No ano de 1910, resolveu em conjunto com a comunidade local, construir uma outra Igreja, que serviria também para Escola, doando o terreno para a mesma, sendo esta inaugurada em 06 de novembro de 1910, em Itoupava Rega, onde hoje ainda existe a Igreja Evangélica de Itoupava Rega II.

Sempre dedicado ao bem do próximo, transportou muitas pessoas doentes até a seúe (Blumenau) para receberem assistência médica. Vendo o problema da falta de um médico para a localidade, foi um dos idealizadores em trazer o Dr. Alfredo Hoess, no ano de 1922 para a Vila Itoupava.

No ano de 1922 adquiriu um automóvel, sendo que na época os 3 primeiros carros existentes no local (Distrito de Itoupava) eram dos senhores Max Haufer, Max Wulf e Franz Zimdars.

Foi um dos idealizadores e sócio fundador da construção do Hospital Misericórdia de Vila Itoupava, bem como da Sociedade de Atiradores Harmonia, hoje Sociedade Recreativa e Desportiva Serrinha.

Dedicou toda a sua vida à localidade de Itoupava Rega e Vila Itoupava, sendo um dos desbravadores do interior do município, falecendo em Itoupava em 29 de junho de 1943.

Quando aqui chegou Franz Zimdars, no ano de 1880, as sementes por ele lançadas, caíram em terreno fértil. Seu filho, neto e bisnetos, estão dando continuidade ao que ele iniciou, e com orgulho podem ostentar o 2º lugar em arrecadações no Distrito de Itoupava.

Dados complementares.

Filhos do primeiro matrimônio.

Emma Zindars Voigt (falecida); Ida Zimdars Bruch (falecida); Carlos Zindars.

Filhos do segundo matrimônio.

Bertha Zimdars Gruetzmaicher (falecida); Franz Zimdars; Alma Zimdars (falecida); Alfredo Zimdars; Arno Zimdars; Arthur Zimdars; Erna Zimdars Deschamps.

Revelações do Arquivo Histórico de Blumenau

(Compilado por Sueli M^a Vanzuita Petry)

Auto da entrega do Hospital da extinta Colônia Blumenau à Sociedade Beneficente de Mútuos Socorros em Enfermidades, existente na Villa do mesmo nome.

Aos dois de fevereiro de mil oitocentos e oitenta e dois, se acham reunidos no prédio do Hospital da extinta colônia Blumenau o Dr. Hermann Blumenau, ex-diretor e competentemente autorizado pelos Aviso do Ministério da Agricultura número noventa e oito de dezesseis de dezembro último dirigido a Presidência desta Provincia, e o officio desta de vinte e hum do mesmo mês; Julio Baumgarten como Presidente, Victor Gaertner como secretário, assessor e substituto do presidente no caso de impedimento e Henrique Probst como tesoureiro da Sociedade Beneficente de Mútuos Socorros em Enfermidades desta Villa de Blumenau, competentemente autorizados pela resolução tomada na assembléa geral de vinte e dois de janeiro último, na mesma Sociedade, Augusto Blomeyer como Enfermeiro do Hospital e número de sócios da referida Sociedade e tendo mesmo doutor declarado que, em virtude das citadas autorizações pelo presente ato fizesse entrega à mesma Sociedade do prédio do Estado, denominado "Hospital", com todas as suas pertenças e inventário móvel existente afim de que ele continuasse a ser utilizado no serviço a que primitivamente foi destinado, do tratamento dos enfermos e de agora em diante ficasse sob a administração da referida Sociedade, com tanto que desse fato nenhuma despesa absolutamente resulte para o Estado, e os representantes da mesma acima relatados que recebiam como de fato tivessem recebido o mesmo "Hospital" sujeitando-se a condição mencionada e considerando como obrigação legal e sagrado dever conservar o utilíssimo instituto do mesmo ao seu primitivo fim e o prédio no melhor estado possível, houvesse por realizada essa entrega e se escreveu o presente auto em dois originaes, que serão assinados pelas partes, o enfermeiro e o número de sócios da Sociedade, ficando um depositado no arquivo da mesma e o outro na Coletoria das Rendas desta Vila.

Vila de Blumenau, 2 de Fevereiro de 1882.

Dr. H. Blumenau; Julio Baumgarten; Victor Gaertner; H. Probst; Augusto Blomeyer; Antônio Hartmann von Hartnshats; Augusto Brockes; Louis Sachtleben; Hermann Baumgarten; Carl Friedenreich; Augusto Gloeden Junior; Franz Lungherhausen; Dr. Francisco Vallotton; Hermann Rüdiger; Carl Meyer; G. Spierling; Henrique Avé-Lallemant.



Ingo Hering

No dia 25 de março recém-findo, o sr. Ingo Hering, Diretor-Presidente da Cia. Hering, completou 75 anos.

No jantar festivo que ele ofereceu aos seus parentes e amigos, realizado no chamado "Castelinho", sito no bairro Bom Retiro, nesta cidade, de propriedade da Fundação "Hermann Hering", o seu filho mais velho, Sr. Dieter Hering e o Sr. Nestor Seara Heusi, respectivamente, Diretor e Membro do Conselho de Administração da Empresa, proferiram as saudações que abaixo reproduzimos:

Saudação do Sr. Dieter Hering:

"Nosso amigo e pai completou ontem 75 anos de convívio com nossa sociedade.

Durante toda esta sua existência nosso pai não se pertenceu;

sua vida e obra foi, e está sendo dedicada principalmente à coletividade que o cerca.

Pretendo saudar este acontecimento, sem fazer um pronunciamento apologético, lembrando aqui fatos e recordações maravilhosas ou acontecimentos pramáticos e tristes que acontecem na vida de qualquer ser humano, e que no caso especial de Ingo Hering fazem parte integrante de sua vida.

Peço escusas, porque na minha posição peculiar de filho estes fatos em mim gerariam uma carga emocional muito grande. Mas não é somente este fato que posiciona neste momento minhas reflexões, mas principalmente a personalidade muito especial do aniversariante, que, como é conhecido por todos tem profunda aversão a este tipo de manifestação, porque o comove profundamente.

Este extraordinário acontecimento que hoje estamos celebrando, deve no entanto ser registrado. E, é com prazer que faço este registro, que em outras palavras nada mais é do que a tentativa de compor um perfil, ou melhor, os traços predominantes da personalidade do nosso aniversariante.

Para ser justo e compor este perfil com a melhor nitidez e justiça possível, procurei visualizá-lo, não só sob minha condição de filho, mas sim, sobretudo, do companheiro e amigo do dia-a-dia, em família ou na fábrica.

Sob este aspecto cristalinamente apareceu, o seu espírito comunitário; sua bondade inata derivada de profunda crença e elevada fé que deposita no homem seu semelhante: — a tolerância ou generosidade que possui e que o faz aceitar opiniões contrárias, invejável respeito por todos que o cercam ou que dele se aproximem, procura decidir por consenso denotando alto espírito de colegiado, sua liderança natural, não forçada, espontânea.

Destas facetas peculiares de sua personalidade, as quais poderia continuar enumerando, aflora, como consequência uma característica que ele nos transmite sempre e continuamente: a lição de humildade. Ele é humilde por vocação, por escolha, não o é planejadamente.

Este é com toda a certeza o maior ensinamento que Uta, Ivo e eu recebemos do Senhor. Um bem maior do que todos os bens materiais juntos, porque o é um ensinamento, uma filosofia de vida.

Nesta nobre data, creio poder expressar em nome de todos os que aqui presentes se fazem, que todos nos orgulhamos do Senhor.

Bl. 26.03.82

Saudação do Sr. Nestor Seara Heusi:

“Faz exatamente cinco anos que nós, como hoje, nos reunimos em torno de um grande e bom amigo, para abraçá-lo e felicitá-lo pelos seus, então, 70 anos de vida.

E este que ora lhes fala teve e tem a honra e o prazer de lhe dirigir palavras de apreço, de louvor e de afeto.

Mas, antes de prosseguir, peço que olhemos para o alto e agradeçamos a Deus a graça que nos concedeu de aqui ainda estarmos, rijos e com saúde, assistindo ao término de mais um lustro de nossas existências.

Este querido amigo, em plena forma, está assim completando 75 anos, três quartos de um século.

Há cerca de cinco décadas, venho acompanhando, bem de perto, a vida modelar e bonita deste dileto amigo. E me edifico e aprendo com os seus exemplos maravilhosos de homem, de empresário e de cidadão, através de um trabalho fecundo e honrado, todo ele dedicado à vida familiar, empresarial, social e comunitária.

Em todos esses segmentos de um grande todo, ele sempre se impôs como líder. Porém, serenamente, com bondade e com justiça.

Por isso, volto a afirmar. Eu me edifico e aprendo com os seus primorosos exemplos.

Homem de invulgar inteligência e sólida cultura, ele, malgrado os seus múltiplos afazeres e responsabilidades à frente de uma grande empresa, encontra ainda tempo para trazer a lume trabalhos substanciais e cheios de ensinamentos, reveladores de uma larga experiência, sobre os mais variados problemas, abrangendo complexos e importantes temas, de palpitante atualidade e interesse, tanto de âmbito nacional, como internacional, de natureza política, social, empresarial, econômica, financeira, salarial, tributária e outros de igual quilate. E com regularidade, de vez que a publicação dos seus artigos ocorre quase que semanalmente, para satisfação dos seus inúmeros leitores e admiradores.

Dai porque os seus três filhos, num gesto muito louvável e simpático, de alto alcance e proveito para todos nós, os seus numerosos amigos e concidadãos, houveram por bem editar, num alentado e bem confeccionado tomo de quase duzentas páginas, uma magnífica coletânea de oitenta e oito dos seus preciosos artigos, publicados num período de apenas quarenta e quatro meses.

E nesse primeiro tomo — visto como outros virão completar a série — os seus promotores, como um preito de gratidão e afeto, fizeram grafar, ao pé da sua primeira página, a bela dedicatória que, “data venia”, aqui reproduzo:

“Esta coletânea de artigos, de nossa inteira iniciativa, é uma justa homenagem àquele que nos tem guiado com a sua habitual serenidade e bondade.

Dos seus filhos
Uta-Hedy, Dieter e Ivo”

Este Homem, Senhoras e Senhores, se chama

INGO HERING!”

Nertor Seara Heusi

HISTORIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

— Bruno! Bruno! — chamava Minna, nervosa, pelo seu cunhado, com a carta na mão — Bruno, onde te meteste?

Bruno, em seu quarto, estudava tintas e prensas para tinturaria que já sonhava implantar na incipiente indústria do seu mano, na Colônia do Dr. Blumenau, quando Minna, nervosa, bateu à porta:

— Bruno! Carta de Hermann. Lê, lê, por favor. Eu não encontro meus óculos!

— Calma, minha querida cunhada. Calma!

— Leia você a carta de Hermann, por favor, Bruno!

— E se tiver algum segredinho de marido e mulher? É melhor procurarmos os teus óculos...

— Bru...no! Lê logo por favor.

— Se é uma ordem!...

Bruno, talvez mais nervoso do que ela, vagarosamente, mãos trêmulas, começou a abrir a carta:

— Bruno, você está tremendo!

— É o frio, minha querida!

— Fri...o? No verão, Bruno?

Ambos deram gostosas gargalhadas e, finalmente, leram a carta.

Bruno, feliz, parecendo mais uma criança diante de uma árvore de Natal, quase gritando, falou:

— Minna, querida! Minhas previsões se realizaram — Hermann está chamando todos nós para o Brasil!

E, naquela manhã de tão boas notícias, ambos tomaram um cálice de licor, saudando as novas e maravilhosas notícias de Hermann, tão longe deles, num país estranho.

IV

Em Hartha, os preparativos da véspera do embarque eram frenéticos e entusiasmados. Margarethe queria levar todos os seus brinquedos e com especialidade a sua boneca predileta. Onkel Bruno, como quem embrulha cristais, ia encaixotando os seus livros numa grande e resistente caixa. Cuidava principalmente de não macular, durante a longa viagem, a sua preciosa e bem encadernada coleção de Goethe.

Margarethe, vendo o tio Bruno colocar com tanto cuidado os seus livros na bonita caixa, perguntou-lhe, curiosa:

— Tio Bruno, minha mala já está cheia e não cabe mais a minha boneca. Será que ela poderia viajar juntamente com os seus livros, nesta bonita caixa?

— Claro que pode, minha querida! Deixe-a aqui que tio Bruno a colocará, no final, junto com os meus livros.

— Muito obrigada, tio Bruno! — Deu um carinhoso beijo no tio e correu célere para o quarto da mãe, que fazia Gertrud dormir, dizendo-lhe que a sua boneca ia viajar com os livros do tio Bruno.

Bruno ia colocando, um por um, os seus livros, primeiro o romance “Sofrimento do jovem Werther”, escrito em 1774, depois o drama “Gotz von Berlichingen”, do mesmo ano.

Goethe evoluiu depois para um estilo mais clássico, abrangendo todos os gêneros da alta literatura, que tanto encantava e fascinava Bruno Hering.

Como poeta, escreveu “Novas Baladas”, em 1769 e “Divã Ocidental e Oriental”, em 1819; mais um romance “Anos e Viagem de Wilhelm Meister”, em 1796-1821, “Hermann e Dorotéia”, em 1789, em plena Revolução Francesa e, finalmente, “Fausto”, que Bruno abriu e folheou, relendo-o por algumas horas.

“Fausto”, ele escreveu em 1793-1832. Foi um gênio criador de numerosas obras literárias, que inspiraram compositores e pintores. Existiu, de fato, um Fausto que foi lenda popular. A primeira versão do tema apareceu em 1587, em Franckfurt sobre o Meno, no “Livro Popular”; o mágico Fausto vende a alma ao demônio Mefistófeles, em troca de bens terrenos. Marlowe, o poeta dramático inglês, escreveu “A Trágica História do Dr. Fausto”, em 1580.

Mas Bruno, em seus devaneios literários, naquela noite em que encaixotava a sua valiosa coleção de Goethe, concluiu satisfeito: “nenhum Fausto se iguala ao de Goethe” e, namorando o livro, o colocou por último na caixa. Em seguida, a boneca de Margarethe, entre os livros, num lado da caixa, servindo de calço para os seus próprios livros.

Quando Bruno acabou de encaixotar, Margarethe entra em seu quarto para lhe desejar boa noite. Vendo sua boneca espremidinha entre um lado da caixa e os livros, exclamou assustada:

— Mas, tio Bruno! Assim apertadinha, ela vai morrer.

Ele sorriu da ingenuidade tão natural dos sete anos de sua sobrinha. Carinhosamente sentou-a em seu colo e lhe disse:

— Minha querida, as bonecas não morrem!

— Não mesmo, tio Bruno?

— Não, minha querida! Nem as bonecas, nem os livros nunca morrem!

— Porque, tio Bruno?

— Porque os livros servem para nos instruir e nos dar saber e as bonecas ensinam as meninas como você, minha querida, a ter carinho e amor, que mais tarde darão aos seus próprios filhos. O saber e a cultura, assim como o carinho e o amor nunca morrem, por que estão sempre vivos dentro de nós.

E agora já é tarde. Vai dormir porque amanhã estaremos viajando para nos encontrarmos com o papai, Paul e Elise.

Ela o abraçou e beijou com muita ternura e saiu correndo para

o seu quarto e ao encontrar Nanny dormindo e Johanna lendo, perguntou rápida:

— Johanna, tu sabes o que é imortal?

— Sei sim, mas garanto que tu vieste do quarto do tio Bruno, não foi, Margarethe?

— Foi sim. A minha boneca, que não morre, está viajando com os livros do tio Bruno, bem espremidinha dentro da caixa.

— Põe já a tua camisola e vamos dormir, porque amanhã bem cedo estaremos viajando, minha querida.

Johanna apagou o lampião e dentro de pouco ambas dormiam.

Quando o sol começou a penetrar pelas frestas das janelas. Minna entrou no quarto e, enérgica, com Gertrud nos braços e segurando Max, foi dizendo:

— Já para fora da cama, suas preguiçosas! Daqui a pouco estaremos viajando para o Brasil! Vamos, tomem o seu banho e preparem-se para o café da manhã.

V

O ano de 1880 parecia muito promissor. Por um trabalho persistente junto o Governo da Província, que durou alguns anos, o Dr. Blumenau viu finalmente realizadas as suas pretensões. É que o Governo acabou acedendo a instância do colonizador e assinou a 4 de fevereiro de 1880, o famigerado decreto que criava o Município de Blumenau, com a anexação de Gaspar.

Hermann Hering, com a presença dos filhos, começou a produzir mais malhas. Enquanto Paul e Elise cortavam e costuravam as camisetas que eram vendidas aos próprios colonos, cujo número sempre mais aumentava, crescia cada vez mais a sua procura.

O problema dos fios já fora resolvido com a sua compra em São Paulo e Rio de Janeiro.

Aproximava-se a chegada de sua família e todas as tardes Hermann Hering postava-se no alto do barranco, esperando, impaciente, a chegada do "Progresso".

Há mais de um ano que o vapor "Progresso", de rodas laterais, já fora inaugurado e o Dr. Blumenau, companheiro de Hermann, no posto de espera, comentava:

— Durante anos, Hermann, o meu primeiro canoeiro Ângelo Dias, antes com canoas e mais tarde com um lanchão empurrado a varejões, foi o único homem a fazer as viagens entre Itajaí e a Colônia.

— Aliás, Dr. Blumenau, quando aqui cheguei, quem me trouxe foi o próprio Ângelo. É um homem muito alegre e contador de casos. Ele é muito seu amigo e admirador. E gostava um bocado de cachaca!

— Ele, pode-se dizer, transportou todos os imigrantes que chegaram até 1879. Quando o "Progresso" fez a sua primeira viagem, ele, que até então, era o único transportador de cargas e passageiros para a Colônia e da Colônia, teve de encerrar as suas atividades.

Hoje, com quase 70 anos, doente, consequência da muita bebida,

não trabalha mais. Com algumas economias, vai conseguindo viver sem trabalhar, segundo me confessou da última vez que aqui esteve, isto há uns três meses.

Hermann, Ângelo Dias foi meu companheiro desde as primeiras horas, muito leal e trabalhador.

Nunca esqueci da nossa primeira viagem. Hackradt, ele e eu exploramos este rio maravilhoso com toda a sua exuberância agreste e virgem, por isso que nenhum civilizado antes pisara este solo.

O Dr. Blumenau e Hermann Hering, tarde após tarde, conversavam no topo do barranco acima do porto de desembarque da Colônia, a espera da família de Hermann, que deveria chegar a qualquer momento, conforme carta que recebera de Hartha, do seu mano Bruno.

E enquanto durava essa ansiosa espera, Hermann escutava, atento e interessado o que lhe contava o Dr. Blumenau.

— Passamos quase três meses acampados ali bem pertinho do porto e exploramos toda a redondeza, até quase o pé da serra.

Tudo era mata virgem, densa, cerrada e só habitada pelos índios. Os primeiros civilizados que aqui chegaram fomos nós três — Hackradt, Ângelo e eu. À medida que nos aproximávamos da serra, Ângelo tremia de medo dos bugres, como ele chamava os índios.

— Não encontraram nenhum índio, Dr. Blumenau?

— Felizmente, não. Passamos quase três meses entre pássaros, animais selvagens de porte regular, algumas cobras e muitos mosquitos.

Nunca vi, em toda a minha vida de colonizador, pássaros tão lindos de plumagens tão coloridas, dentro desta beleza bruta e selvagem circundada por este rio tão maravilhoso! E é a tudo isto que devemos a nossa presença hoje aqui, Hermann, neste barranco, esperando a tua família.

— Será que eles chegam hoje, Hermann?

— O meu coração me diz que sim, Dr. Blumenau. E mal acabava de falar, eles viram o "Progresso" chegando.

— Você está nervoso, hein Hermann? Saudades da esposa e dos filhos, não é, meu caro amigo?

— Já faz dois anos que estou longe da minha mulher e dos meus filhos. Estou realmente com muitas saudades deles.

— Oxalá, Hermann, que os seus cheguem desta vez. Você já há uma semana que, diariamente, à tardinha vem esperar o vapor.

Ouviu-se afinal o estridente apito do "Progresso". Paul e Elise correram para se juntar ao pai, olhos fixos no vaporzinho que fazia a curva do rio, prestes a atracar.

Do "Progresso", que lentamente se aproximava do ancoradouro, eles ouviram os gritos das meninas:

— Pai! . . . Pa . . . pai! Pa . . . pai!, Paul, Elise!

Eram Margarethe, Nanny e Johanna que, aos pulos e gesticulando, chamavam por eles que correram barranco abaixo em disparada.

Ainda no vapor, Minna com Gertrud ao colo, Bruno segurando firme Max que queria ir com as irmãs abraçar o pai, ilhavam os três

ansiosos, esperando que o vapor atracasse a fim de pularem para o cais e correrem ao encontro do pai, do irmão e da irmã que sorriam e quase choravam ao mesmo tempo por vê-los chegarem à Colônia, onde os aguardavam, impacientes e saudosos.

O Dr. Blumenau, do alto do barranco a tudo assistia curioso e satisfeito por ver a grande alegria que reinava nesse reencontro dos Hering. Chamou Reinhold e pediu-lhe para trazer alguns colonos para ajudarem a levar as bagagens dos recém-chegados.

Tão logo amarraram o cabos, as meninas, rápidas, pularam para o cais e correram em louca disparada. Nanny, mais ágil, pulou para os braços do pai, abraçando-o e beijando-o. Sorria e falava sem parar, matando uma saudade que já durava quase dois anos.

— Nanny, será que tu pensas que o papai é só teu? — dizia Johanna, mais idosa do que ela três anos. Sentia-se melindrada por ter Nanny passado à sua frente, beijando o pai antes dela, enquanto que Margarethe, de apenas sete anos, puxava as pernas de Nanny, chorando para que ela descesse, mas ela parecia não mais querer se desgrudar do abraço tão gostoso. — Deixa, Nanny, deixa o papai, sua teimosa; ele também é meu e de Margarethe, sua boba.

O pai, vendo o desespero das duas, colocou Nanny ao chão e pôs Margarethe aos braços, beijando-a e, em seguida, abraçou e beijou também Johanna. E assim abraçados às três, era o pai mais feliz deste mundo.

Minna, com Gertrud, de um ano e pouco ao colo e Bruno segurando Max de pouco mais de cinco anos, ainda a bordo, olhavam, felizes, a alegria das meninas à volta do pai. E olhavam Paul e Elise que aguardavam, impacientes, o desembarque da mãe.

Tão logo Minna e Bruno desembarcaram, uma mistura de risos e lágrimas, se abraçaram a Hermann e a Paul e Elisa. E assim matavam a saudade de uma ausência que já durava quase dois anos.

Quando a calorosa e alegre recepção terminou, o Dr. Blumenau desceu o barranco, ao encontro dos Hering. Elise, com Gertrud ao colo, vendo-o, o apresentou a todos, dizendo:

— Este, mamãe, tio Bruno, Johanna e Nanny, é o nosso amigo Dr. Blumenau, o dono de tudo isto aqui.

— Espera, minha querida, dono não, administrador e colonizador de nossa Colônia. E, um por um, dos recém-chegados, a começar por Minna, foram cumprimentados respeitosamente pelo Dr. Blumenau. — Poucas vezes em minha vida de colonizador — disse — vi recepção tão bela como esta de vocês. Isto bem demonstra a união maravilhosa, o carinho e o amor que existem na família Hering. É muito bonito assistir como assisti, a uma recepção tão fraterna e festiva, cheia de tanta ternura e carinho. Parabéns, Sr. Hermann Hering!

— Muito obrigado, Dr. Blumenau.

— O seu coração não falhou hoje, não é, meu velho amigo?

— É verdade, Dr. Blumenau, aqui estão todos, graças a Deus, para nossa alegria e felicidade.

— Dr. Blumenau, o senhor vai hoje jantar conosco, na com-

panhia da sua senhora e de seus filhos — convidava Elise, risonha e feliz. — Eu garanto que o jantar que vou fazer, o senhor vai gostar, Dr. Blumenau.

— Hoje não, minha querida. Hoje o dia é só da família. Porém, amanhã, domingo, se o convite estiver de pé, nós iremos com imenso prazer.

— Tá, tá, sim, Dr. Blumenau. Não é mesmo, mamãe e papai? — apressou-se, como sempre, Elise em responder.

— Claro, minha filha, que o convite está de pé, responderam Minna e Hermann.

— Então, lá estaremos amanhã para o almoço.

— Dr. Blumenau, vou fazer um prato de feijão com carne seca, porque o papai me disse que é este o seu prato predileto.

— Elise, você é maravilhosa; é uma grande infitriã.

Hermann, ao se despedir, confirmou:

— Teremos imenso prazer de amanhã, no almoço, vermos em nossa mesa não só o amigo como também dona Bertha Louise e suas filhas, Dr. Blumenau.

— Muito obrigado. E virando-se para Bruno Hering: — Depois da sobremesa não seria nada mau se ouvíssemos alguns versos de "Fausto", não é, sr. Bruno?

— Com muito prazer, Dr. Blumenau — respondeu Bruno, alegre e feliz.

VI

Agora, com mais as presenças de Minna, Bruno, Johanna, Nanny, Margarethe, Max e Gertrud, estava reunida toda a família. E com a ajuda de todos, em casa ou na fábrica, as coisas começaram a melhorar. A produção de malhas aumentava sensivelmente. Johanna e Elise cortavam e costuravam camisetas e ceroulas. Tinha também início a produção de meias.

— Hermann — dizia Bruno todo entusiasmado — já sei que as vendas aqui para a Colônia estão escasseando. O que temos a fazer é comprar um burro ou mesmo um cavalo, o que for mais barato e eu mesmo irei vender de casa em casa, descendo até Itajaí. O que é que você acha da idéia, Hermann?

— Mas, você sabe montar, Bruno?

— Não sei, mas aprendo, ora essa! Um tombo aqui outro ali, não faz mal a ninguém. Como sabes, todo começo é difícil.

— Então, muito bem! Porém, precisamos aumentar um pouco mais o nosso estoque de camisetas, ceroulas e meias, para você poder bem carregar o burro, para que as vendas compensem as despesas da viagem.

O mês de setembro começou chuvoso e os planos de Bruno para viajar tiveram de ser adiados.

Nos dias 22 e 23, a chuva aumentou e um forte temporal, seguido de relâmpagos e muitos trovões, desabou sobre a Colônia. Em

apenas um dia e uma noite, o rio subiu acima do nível da enchente de 1855.

A população da Colônia se refugiou nos morros e colinas. As águas subiram a 14,60 metros.

A família Hering e outras das redondezas se refugiaram no morro da igreja e assistiam, desolados, a fúria das águas levando tudo de roldão, gado, casas, cercas, animais e árvores, solapando os alicerces das casas que se mantinham de pé, inclusive as suas.

Todo o trabalho de anos, da noite para o dia, era destruído. Plantações e sementeiras desapareciam. A população, desesperada e deprimida, a tudo assistia, inerte e impotente.

As famílias, olhando suas casas, pediam a Deus que elas se mantivessem de pé. Todos rezavam, elevando a Deus preces para que tudo voltasse à normalidade.

No dia seguinte, o céu amanheceu cinzento. Vinte e quatro horas depois, as chuvas cessaram e o sol surgiu radiante, trazendo a todos novo alento e novas esperanças.

Na fuga para o morro, os flagelados levaram o que puderam em mantimentos, para a sua subsistência, enquanto durasse o flagelo.

Elise mostrou um grande embrulho contendo camisetas, ceroulas e meias, que conseguira arrecadar apressadamente nos últimos momentos da fuga.

— Vejam — dizia Elise, nervosa e feliz diante dos seus salvados. — Vejam o que eu consegui salvar à última hora na casa das máquinas. E mostrava para todos as camisetas, ceroulas e meias, cobertores e roupas que haviam sido arrancados das camas e dos armários.

Minna, com Gertrud ao colo, nervosa e desesperada, se lamentava abraçada à Margarethe e Max:

— Levamos quase um mês atravessando o oceano e durante essa longa travessia só vimos água à nossa frente, até chegarmos ao Brasil. Forte temporal desabou, chovendo copiosamente. E as ondas revoltas pareciam querer afundar o navio. Agora, pouco mais de um mês após a nossa chegada à Colônia, o que vemos? Chuva e mais chuva, parecendo tudo querer destruir. Pobre Hermann! Tudo o que fez com a ajuda de Paul, Elise, Bruno e as meninas, tudo está perdido. O trabalho de alguns anos de lutas. Tudo impietosamente destruído!

— Minna — disse Hermann, enérgico e confiante — não será esta enchente que me vai fazer desistir da minha empresa. Continuarei produzindo malhas, malhas e cada vez mais malhas, minha querida. Depois da tempestade vem a bonança. Confiemos em Deus. O que precisamos é de ânimo, pois o desespero não leva a nada. Precisamos reunir forças para tudo de novo refazer!

(continúa no próximo número)

ACONTECEU... --- --- Março de 1982

— DIA 4 — A Professora dona Ilse Schmider, diretora da Escola Básica "Barão do Rio Branco", foi, neste dia, homenageada pelos alunos do educandário e professores, por estar registrando vinte e nove anos de serviços prestados àquele estabelecimento de ensino, na qualidade de professora e diretora. A homenagem foi merecida.

— DIA 5 — No Teatro Carlos Gomes, realizou-se a significativa solenidade de abertura da exposição PABLO-PABLO, uma interpretação brasileira de Guernica, obra de Picasso. Grande foi o número de pessoas que compareceram ao acontecimento.

— DIA 6 — No Clube de Caça e Tiro Velha Central, foram inauguradas as novas e modernas canchas de bolão, constando de festividades e torneio de bolão.

— DIA 13 — No Pavilhão "A" da PROEB, realizou-se o Baile do Campeonato de Bochas Municipal, promovido pela Secretaria de Turismo, acontecimento que contou com presença de cerca de duas mil pessoas.

— DIA 16 — Na Fundação Universitária da Região de Blumenau, FURB, tomou posse do cargo de Reitor o Dr. Arlindo Bernart, assumindo a vice-reitoria o prof. Bráulio Schloegel.

— DIA 16 — Informações prestadas pelo Secretário de Saúde e Bem Estar Social da Prefeitura de Blumenau, adiantaram que pelo levantamento realizado, foi revelado que o coeficiente de mortalidade geral no município é de 6,61 pessoas por mil e o índice de mortalidade infantil é de 37,7 crianças por mil (crianças com menos de 1 ano de idade). Os dados, segundo a informação, revelaram acentuada redução na taxa de mortalidade infantil em Blumenau com decréscimo de 35 a 40%.

— DIA 16 — Na cidade de São Miguel do Oeste, oeste de Santa Catarina, ocorreu, neste dia, às 19,30 horas o nascimento de quintuplos, três meninos e duas meninas, filhos do casal dona Terezinha Nenci e Ivo Imhoss. O nascimento ocorreu através de intervenção cirúrgica cesariana, praticada pelos médicos Franz Willy Nietche Cruz e José Ganido Yanes, no hospital daquela cidade. Todas as crianças passavam bem nos primeiros dias de vida, acreditando-se que sobreviverão.

— DIA 23 — No Cemitério Evangélico da cidade e no Parque Botânico Edith Gaetner, foram, neste dia, prestadas homenagens, pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" à sra. Edith Gaertner, em face do

registro de seu centenário de nascimento (23/3/1882-23/3/1982). As homenagens resumiram-se na colocação de flores no túmulo e junto ao busto de Edith Gaertner, contando-se nestas solenidades, com a presença de funcionários e assessores da Fundação, assim como algumas pessoas que usufruíram da amizade da homenageada quando ainda vivia.

Filatelista e bombeiro da Alemanha apresentaram coleção ao Prefeito de Blumenau

O presidente do "Clube Filatélico de Wunstorf, da República Federal da Alemanha, Otto Lapp, acompanhado pelo capitão Comandante do Corpo de Bombeiros daquela cidade, Sr. Gehle, estiveram, dia 16 deste mês, no gabinete do Prefeito Renato Vianna, oportunidade em que apresentaram a valiosa coleção filatélica "Brasil - do Império à República" - hors-concours, que participou, de 17 a 25 do corrente, da "5ª Exposição Filatélica Brasileira", a Brapex V, em Blumenau. Eles foram recebidos pelo vice-prefeito, Ramiro Ruediger.

Otto Lapp, além de ser grande filatelista, mantém grandes vínculos de amizade com a nossa Blumenau, sendo que há 10 anos atrás ele juntamente com o blumenauense Alfredo Wilhelm e a colaboração da Prefeitura de Blumenau, organizou, com absoluto sucesso, a festa "Blumenau 72", na pequena cidade de "Blumenau", da Alemanha Ocidental; no dia 2 de setembro daquele ano foi realizada, também na Alemanha, a Exposição de produtos do comércio e da indústria de Blumenau-SC e, no dia 3, o 1º Encontro de Brasileiros Residentes na Alemanha. Exatamente no dia 2 de setembro de 72 o prefeito de Blumenau alemã, Wilhelm Wegner, participava como hóspede oficial das festas de fundação de Blumenau-SC.

O filatelista recebeu da Prefeitura de Blumenau um cartão de prata com os seguintes dizeres: "Ao bom amigo Otto Lapp. Wunstorf-Alemanha, que há 10 anos vem promovendo o nome de nossa cidade em seu país, os agradecimentos com a perene amizade do Governo e do Povo de Blumenau", e é assinado pelo prefeito Renato de Mello Vianna.

No mesmo dia, às 11,00 horas, os visitantes foram recebidos na Fundação "Casa Dr. Blumenau" pelo diretor executivo José Gonçalves, o qual, juntamente com seus assessores, ofereceu aos mesmos uma feijoada, preparada no bosque do Parque Botânico, com cujo gesto, o diretor da Fundação retribuiu a Otto Lapp as gentilezas da hospedagem fidalga que tivera quando de sua visita à sua residência em julho de 1975, ao visitar Wunstorf e a pequena cidade de Blumenau ali existente.

A criação do Distrito de Paz de Encruzilhada

José E. Finardi

Com este nome é que foi criado o Distrito de Encruzilhada, em 13 de janeiro de 1916, passando a denominar-se de RIO DOS CEDROS, com a elevação do mesmo a Município, em data de 19 de Dezembro de 1961.

Sua emancipação distrital, entretanto, foi obtida a duras penas pois já em 1914, grande número de moradores riocedrenses, chefiados por GERMANO BONA e seu irmão JOSÉ BONA, mais tarde eleito Conselheiro Municipal, e mais João Longo, Virgílio Campestrini, Lino Paternoli, Ernesto Bertoldi e outros líderes, haviam endereçado ao Conselho Municipal de Blumenau, um fundamentado abaixo-assinado, pedindo a criação do distrito de Encruzilhada, o qual, examinado na sessão de 15 de julho de 1914, o Conselho decidiu nomear uma Comissão Especial, que apresentou seu parecer na sessão de 9 de setembro desse ano, "reconhecendo o justo pedido mas designando a sede em Timbó. Vejamos como foi relatado o assunto, na respectiva ata: "A Comissão Especial instalada na sessão de 15 de julho para examinar o requerimento dos moradores de Cedros, pedindo a instalação de um Juízo de Paz no referido distrito, com sede na freguesia de Encruzilhada, reconheceu justo o pedido mas era de opinião que seria mais conveniente designar como sede do Distrito de Paz a criar, o lugar Timbó, por ser este o centro natural do novo distrito. De acordo com o parecer da Comissão, o Conselho resolveu criar o novo distrito de Paz, com sede em Timbó, aprovando por unanimidade de votos, a resolução nr. 78, criando o referido distrito e definindo os seus limites. Assinaram esta ata, Luiz Abry, como Presidente do Conselho; Ricardo Schaeffer, como Vice; Eugênio Fouquet, como Secretário e mais os Conselheiros: Max Hering, Hermann Weege, Arthur Germer e Giacinto Gadotti.

Ficaram, assim, os moradores de Rio dos Cedros, malgradados na sua reivindicação e beneficiado o distrito de Timbó.

Era Superintendente Municipal nessa época, Alwim Schrader e já no fim do seu terceiro mandato, com uma administração voltada quase totalmente ao Distrito da Sede, com integral desatendimento dos distritos e localidades do interior, resolveram os líderes destes, descontentes com essa administração, reunidos em data de 24 de maio de 1914, no Salão de Júlio Paupitz, em Passo Manso — lançar a candidatura de Paulo Zimmermann, antigo Conselheiro Municipal, em oposição ao candidato situacionista Conselheiro Luiz Abry, que foi derrotado por 1.169 votos dados a Paulo Zimmermann e 671 votos dados ao candidato oficial.

PAULO ZIMMERMANN, homem ativo, honesto e empreendedor, além de negociante no interior, era ligado á tradicional família Jensen, de grande prestígio no Município bem como a muitos moradores dos diversos distritos que na época compunham o grande Município de Blumenau, explicando-se daí sua retumbante vitória sobre seu contendor oficial.

Com Paulo Zimmermann, o eleitorado blumenauense elegeu a maioria absoluta de Conselheiros residentes e com atuação no interior do Município, inclusive JOSÉ BONA, de Rio dos Cedros, que assumiu o mandato a 2 de janeiro, para o quadriênio Janeiro 1915/Janeiro 1919.

Em meados de maio de 1915, José Bona, agora Conselheiro, reiterou o pedido feito em 1914, cujo novo abaixo-assinado foi apreciado na sessão do dia 17 de junho, decidindo, então, o Conselho Municipal "nomear uma comissão composta dos srs. Giacinto Gadotti, Vice-Presidente do Conselho; Adolfo Altenburg, Secretário e Paulo Husadel, 2º Secretário, para estudar e encaminhar tudo o que fosse necessário a este respeito".



Paulo Zimmermann, o Superintendente que assinou a Resolução criando o distrito

do Sul; Paulo Husadel e Carlos Kraemer, suplente — votando contra o Conselheiro Hermann Sachtleben, Presidente e em branco Adolfo Altenburg, secretário.

A Comissão então nomeada, apresentou parecer, fixando os limites do novo distrito de Paz de Rio dos Cedros, com os quais, entretanto, não concordaram os moradores de Indaial, que se manifesta-

ram através "Cinco abaixo-assinados, por 239 moradores do terceiro distrito (Indaial), protestando contra os limites fixados na última sessão, do novo distrito de Paz de Encruzilhada. Depois de bem discutido o assunto, o Conselho anulou os limites fixados na sessão anterior (13-7-1916), substituindo-os por outros."

Votaram nessa histórica sessão, os Conselheiros Giacinto Gaddoti, Vice-Presidente; Adolfo Altenburg, Secretário; Paulo Husadel, 2º Secretário; Erminio Moser, Carlos Schroeder, José Bona, Pedro Bonetti, Fritz Lorenz, Carlos Kraemer e Alfredo Jost, suplentes. Ausente o Presidente do Conselho Hermann Sachtleben.

O Superintendente eleito Paulo Zimmermann, foi empossado pelo novo Conselho Municipal, em sessão realizada em 2 de janeiro de 1915, ocasião em que nomeou e empossou o primeiro Intendente Distrital da novel unidade administrativa de Encruzilhada, na pessoa de um dos que mais batalharam pela sua emancipação — **Germano Bona**.

LIGEIOS DADOS BIOGRÁFICOS DO 1º INTENDENTE

GERMANO BONA nasceu em Besogno, Trento, Itália, em 3 de junho de 1863 e faleceu em Rio dos Cedros, em 24 de fevereiro de 1936, com 73 anos de idade. Filho de Felice Bona (1823-1920) e de Luigia Passarini, casou em Blumenau na Igreja Matriz local, em 6 de julho de 1886, com 23 anos, - com MARIA ANNA CASONATI, com 20 anos, natural de Salghaneda, Treviso, Itália nascida em 26 de agosto de 1866 e falecida em 9 de agosto de 1942, filha de Giovanni Battista Casonati e de Luigia Bellini, de cujo consórcio nasceram 18 filhos, todos já falecidos, com exceção de Nicolau Bona, nascido em 24 de fevereiro de 1907.

GERMANO BONA era de profissão Empreiteiro de obras, como estradas, etc. e pai de Arthur Bona, nascido em 25 de agosto de 1888 e falecido em 4 de junho de 1976,



Germano Bona aos 65 anos de idade com 88 anos de idade, depois de ter sido, por longos anos, Coletor Federal em Itoupava Seca, Blumenau.

LIVROS DE AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

Os últimos meses de 1981 registraram o aparecimento de diversos livros de autores catarinenses, revelando que os nossos poetas (gênero a que foi dedicada a maioria das novas obras), contistas e até um novo romancista estão ativos e procurando uma afirmação definitiva com a conquista de um público leitor. Um público que, embora se continue afirmando que o brasileiro não lê, vai consumindo os incontáveis lançamentos de inúmeras editoras que se sucedem todos os meses. Apenas para anotar, vão aqui os títulos a que me refiro:

POESIA

“Cantiga de Amiga”, poemas de Maura de Senna Pereira, Editora Achiamé, Rio. Edição de luxo, com ilustrações e capa de Márcia Cardeal, de um punhado de poemas de autoria de uma das mais conhecidas poetisas, cronista e crítica de literatura das letras de nosso Estado. Uma poesia rica de expressão e da qual jorra a ternura, reafirmando um nome reconhecido como um dos mais representativos de nossa poética.

“Minha Senhora do Desterro”, poemas de Pinheiro Neto, Edição do Autor, Florianópolis. Edição esmerada de um volume que contém inúmeras poesias do conhecido autor de “Iriamar” e “Chrischelle”, também presidente da Associação Catarinense de Escritores (ACES). Neste livro, como acentuou Gilberto Mendonça Teles, o autor “já não reflete mais o afã experimentalista. A experimentação está agora por dentro da linguagem verbal, tornou-se essencial, aceitou enfim o seu papel de ilustração...”

“Gênesis”, poemas de José Ribamar Libânio da Silva, Edição do Autor, Tubarão. Volume em que o autor, após os alongados estudos e pesquisas que relata na “apresentação”, pôs em verso o primeiro livro do Pentatêuco, numa experiência tão difícil quanto cansativa.

CONTO

“O Cavalo em Chamas”, contos de Silveira de Souza, Editora Ática/FCC, São Paulo. São catorze estórias curtas desse conhecido contista e cronista em que a imaginação e a criatividade não encontram limites. Relatos que provocam um impacto muito sério e profundo no leitor, sacudindo de repente as suas acomodações interiores. Um livro muito rico, beirando o revolucionário, merecedor de integrar a coleção “Autores Brasileiros” e constituindo boa contribuição para a nossa estante de contistas.

“Amigo Velho”, contos de Guido Wilmar Sassi, Editora Movi-

mento. Porto Alegre. É a segunda edição de um livro que marcou época nas letras catarinenses, de autoria desse autor que introduziu em nossas letras o chamado ciclo do pinheiro, em que a grande árvore serrana está presente na alegria e principalmente na desgraça. O volume contém sete contos alguns deles peças de primeira linha no regionalismo universalista brasileiro e que mereceram prêmios e a participação em antologias. Um lançamento importante e que vem preencher uma lacuna que vinha sendo sentida, em especial pelos mais jovens, pois a edição anterior estava esgotada há muito.

ROMANCE

"A Maçã Triangular", romance de Holdemar Menezes, Editora Movimento, Porto Alegre. O autor, contista consagrado e renovador do gênero, em virtude dos novos ingredientes de linguagem e colocação faz agora sua primeira incursão no difícil gênero do romance, no qual tão pobre são as nossas letras. E o resultado foi positivo, eis que as manifestações até aqui surgidas são as melhores. É um romance ativo e movimentado, com personagens cheios de idéias, com um diálogo fluente e rico de acontecimentos, tanto no sentido linear como psicológico.

"História Romanceada de Blumenau e do seu Fundador", romance de Nemésio Heusi, Edição da Fundação Casa Dr. Blumenau. É o primeiro livro de um escritor muito publicado e que faz um passeio pela história de Blumenau, preenchendo esqueleto dos fatos e datas com as carnes da imaginação, sem, no entanto, abdicar dos compromissos básicos com a realidade. Livro bem escrito e planejado, sem pressa, meditado e fundamentado. Contribuição importante para à cidade e à figura fascinante do seu fundador.

ENSAIO

"Atualização das Formas Simples em Tropas e Boiadas", de David Gonçalves, Presença Edições. Rio de Janeiro. Trata-se de uma dissertação de mestrado, aprovada com louvor e distinção pela UFSC (1977), de autoria desse também conhecido contista e professor. O livro foi também premiado no Estado de Goiás. David Gonçalves, atualmente radicado em Joinville e integrado no panorama literário do Estado, é um regionalista sui generis, autor de inúmeros contos, com livros publicados e participação em coletâneas. Neste trabalho, usando lentes de elevado alcance crítico, realiza uma profunda sondagem na obra de Hugo de Carvalho Ramos. Um ensaio de fôlego, como poucos da nossa ensaística.

"Crédito Rural — Alavanca do Desenvolvimento", de Valdemar Sauchuck, Editora Ensino Renovado, Curitiba. O autor, radicado na cidade de São Bento do Sul, faz uma análise útil e interessante sobre essa modalidade de crédito, revelando a sua importância. Apresentado por Edson Ubaldo, o livro é bem escrito e agradável à leitura, prestando informações muitas vezes desconhecidas do grande público.

Fundação “Casa Dr. Blumenau” completou 10 anos de instituição

Criada a 30 de junho de 1952, através da Lei 353, a Fundação “Casa Dr. Blumenau” registrou, dia 7 de abril, os 10 anos de instituição, já que a lei de criação foi regularizada pela Lei 1.835, de 7 de abril de 1972, na gestão do então prefeito Evelásio Vieira, instituindo oficialmente a Fundação, que reúne instituições culturais com a Biblioteca Pública Municipal, o Museu da Família Colonial, o Arquivo Histórico “Prof. José Ferreira da Silva” e o Parque Botânico “Edith Gaertner”.

Para a sua criação foi oficializado entendimento entre a Sociedade dos Amigos de Blumenau e a Prefeitura Municipal e, o lançamento da pedra fundamental, na época da comemoração do centenário de Blumenau, contou com a presença do Ministro da Educação, Pedro Calmon, que substituiu o Presidente da República. Atualmente a Fundação “Casa Dr. Blumenau” é dirigida pelo jornalista e escritor José Gonçalves.

CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA - XII

AGUA POTAVEL

S. C. Wahle

A água potável da grande maioria dos habitantes de Blumenau na década dos 20s provinha de poços.

Havia uma grande exceção. O colégio Santo Antônio instalou uma rede de água potável que provinha de fontes localizadas nas matas da propriedade do colégio. Durante a construção da rede de água potável do colégio e convento, pertenciam à paróquia a Casa de União São José e mais duas residências de professores. O convento achou por bem dar às residências dos professores e à Casa de União São José também este conforto, bem como à residência dos Veigas que ficava ao lado do colégio. Ainda durante a instalação, a rede fora extendida às residências dos Moellmanns, Flesch e Leopoldo Rabe. Em pouco tempo, estavam ligadas às residências dos Borba, e assim Blumenau passou a ter uma rede de água potável particular, que, bem ou mal funcionava sempre a contento. Para a captação, fora construída uma pequena barragem com uma espécie de filtro de carvão de madeira. Esta instalação tinha a vantagem de somente mui raramente distribuir água barrenta. A água tinha um gosto agradável e podia-se tomar diretamente da torneira, sem receio.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia) publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Artigo publicado a 7 de maio de 1886:

CEMITÉRIO DOS BOTOCUDOS

São bastante vagos ainda, os nossos conhecimentos sobre os usos e costumes dos botocudos uma das tribos mais selvagens e indomáveis da América do Sul, os quais se opõem tenazmente à aculturação, preferindo a difícil vida errante, à comodidade de moradia estável. Acerca de sua religião, de sua língua e seus costumes não existem senão suposições, pois até aqui os botocudos rejeitaram toda e qualquer aproximação dos brancos e não raras vezes aterrorizam os moradores com seus assaltos e assassinatos, provando desta maneira a sua irreduzível hostilidade. Refiro-me sobretudo às tribos que habitam as províncias do Paraná e de Santa Catarina, pois já há indícios de aproximação com os brancos, em algumas tribos de Minas Gerais.

É interessante, sem dúvida, relatar alguma coisa sobre o costume dos botocudos, no que se refere ao sepultamento de seus mortos e o que foi verificado pelo autor e outras testemunhas. Quando da medição das terras pertencentes ao Conde d'Eu, na Serra, nas vertentes dos rios Negros e Itapocu, durante a minha ausência, os meus auxiliares alcançaram um local onde encontraram dois crânios humanos assim como vários ossos espalhados, sem naturalmente, atinarem com a importância do achado. Após o meu regresso, começamos imediatamente a pesquisar todo o terreno, e a uma distância de uns 300 metros do nosso acampamento, seguindo a correnteza de um riacho, chegamos a um paredão de rocha da altura de 12 metros, com um rochedo suspenso por cima ocasionando assim uma queda de água. Talvez em outras épocas o terraço formado debaixo do rochedo tenha se estendido ao longo de todo o paredão. Presentemente, porém, existe apenas uma área de 25 metros de comprimento por 8 a 10 de largura e 5 a 6 de altura, completamente plana e protegida contra as intempéries, enquanto mais adiante os destroços desagregados de pedra nos demonstram que houve grandes deslizamentos sucessivos, ocasionando a abertura de um despenhadeiro difícil de ser transposto. A quantidade de ossos, que se achavam expostos pelo terreno, não podia pertencer aos dois corpos, cujos crânios tínhamos encontrado, e por isso começamos uma pesquisa mais profunda, embora pela superfície notássemos apenas a presença de poeira de rocha, poeira esta que, mais tarde, reconhecemos como sendo cinza. A impressão geral era de que

nos encontrávamos no covil de alguma onça, até que uma pequena elevação me chamou a atenção. Depois de removida uma leve camada de cinza, apareceu um crânio ao lado do qual se encontravam os ossos maiores do esqueleto, mas sem os ossos menores, como os das mãos e dos pés, faltando também a espinha dorsal. Continuamos as escavações e foram aparecendo os esqueletos de oito ou nove indivíduos, de diversos tamanhos, todos sepultados da mesma maneira — num espaço de 80 centímetros por 40 de largura para cada corpo, todos cobertos por uma camada fina de cinza. Encerradas as escavações, chegamos à conclusão de que toda a área servia ao mesmo fim e que nos encontrávamos num cemitério dos moradores primitivos do País. Os sepultamentos não obedeciam a qualquer sistema, e sem haver diferença entre a idade e a categoria dos mortos. Num único túmulo — se é que assim o podemos chamar — o fundo era revestido por chapas finas de uma samambaia fibrosa. Encontramos também duas valvas de uma espécie de concha de água doce, não se podendo afirmar se as mesmas serviam de enfeite ou a sua presença era simples acaso. Não encontramos quaisquer armas nem outros utensílios que pudessem demonstrar o grau de cultura da tribo. Pela maneira de procederem conclui-se que ou deixaram o corpo ao relento, até a carne se desfazer completamente conforme o costume na Nova Zelândia e de algumas tribos de outras ilhas dos Mares do Sul, ou então cortavam a carne para queimá-la a fim de sepultá-lo posteriormente. Um detalhe interessante é a ausência dos ossos miúdos — mas não ousamos admitir qualquer opinião a respeito e nem tampouco sobre a possível idade do cemitério. Apresenta-se aqui um campo interessantíssimo e de imenso valor para um estudioso da antropologia. Escolhendo dois crânios bem conservados — um dos quais nos chamou atenção pelo tamanho — mandei cobrir os restos dos ossos com cinza e aplinar a área a fim de não entrar em colisão desagradável com os indígenas, pelo sacrilégio de seu santuário. Os dois crânios foram dados ao Museu do Paraná.

Transcrito do "Pionier" (Pioneiro)

FERNANDO OPPITZ

Nota da Tradutora: O Jornal "Pionier", em língua alemã era publicado em Curitiba.

A coleção completa do "Kolonie Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville".

A aposta

Nestor Seara Heusi

"Não brinquem com coisas sérias". Estas palavras, mais do que um simples conselho, encerram uma sensata advertência.

O episódio que aqui me proponho narrar ocorreu, faz muitos anos, na minha cidade natal Itajaí. A nossa "pequena pátria", no dizer feliz de um grande itajaiense, Marcos Klonder, de saudosa memória.

Evento este que destaco dentre os muitos acontecidos no decorrer da minha longa existência, e a qual me deixou forte a funda impressão.

Façamos pois uma incursão pelo passado distante. E nos transportemos até fins da segunda década deste século. Mal entrava, então, na minha adolescência, esta fase tão bonita da vida.

A nossa Itajaí — claro está — era bem diferente desta hoje bela e encantadora cidade. As suas amplas e extensas vias públicas, arborizadas e floridas; as suas lindas praças e jardins cobertos de flores; as belas residências e os imponentes arranha-céus; a sua indústria que emerge promissora e o seu movimentado comércio, emprestam à cidade foros de uma quase metrópole. E, casando-se a todo esse impressionante progresso, uma cidade impecavelmente limpa e bem cuidada. Com uma população que já ultrapassa, talvez, a casa dos 100 mil. E que porta o cognome de "Cidade das Praias".

Como disse, bem diferente era a nossa Itajaí do início deste século. Não passava de um acanhado lugarejo, sem automóveis e parcamente iluminado com lâmpões a querosene, com uma população que mal alcançava 20 mil almas. As mercadorias e as pessoas eram transportadas por carroças e pelos tão conhecidos carros de mola, de tração animal. Mas, é justo se diga — sempre aprazível e bonita. Se hoje ela impressiona pelo seu maravilhoso aspecto urbanístico e pela sua indústria e comércio, naquele passado remoto ela já impressionava pelas suas belezas naturais e pela vivência do seu povo, tão simples e peculiar.

Cumpramos destaques o verdor agreste da sua exuberante vegetação, a aprazibilidade das suas lindas praias, de águas limpas e límpidas, sem essa tão nociva poluição dos dias de hoje, e o encanto da vida bucólica e contemplativa do seu povo. Esta a cidadezinha calma e feliz daqueles bons tempos. Com as suas casinhas singelas e toscas e as suas ruazinhas mal-alinhadas e poeirentas.

Foi nesse ambiente que ocorreu o fato que vou aqui narrar.

Estávamos reunidos, o nosso grupo composto de mais de uma dezena de rapazes e moças, quando veio à baila um assunto que a todos empolgou. Falávamos sobre "coragem". Cada um dos rapazes contava ou inventava a sua estória, dando sempre a entender que a coragem era um privilégio masculino, em detrimento das meninas que ouviam, caladas, as lorotas e bravuras contadas pelos companheiros.

Eis se não quando uma das meninas, não mais suportando tantas e tamanhas gabolices, irrompeu firme e resoluto, dizendo-lhes:

Para provar a todos vocês, homens, que nós outras, as mulheres, também temos coragem eu não lhes vou contar, mas fazer algo de concreto. E lhes proponho a seguinte aposta: hoje mesmo, à meia-noite, vou ao cemitério e lhes trago uma cruz, depois do que a recoloco na mesma sepultura.

A proposta da corajosa rapariga foi recebida com risos de dúvidas dos rapazes valentões.

Ela então, serena e decidida, voltou a falar::

Estejam hoje todos aqui, na hora combinada, que eu cumprirei a minha aposta.

Era uma linda noite de luar. E quando o relógio da velha Matriz dava as doze badaladas da meia-noite, a valente mocinha se dirigiu ao cemitério, que ficava próximo ao local em que nos encontrávamos.

Momentos depois, voltava empulhando, com ar vitorioso, uma pequena cruz de madeira. E todos aplaudimos a nossa heroína.

Logo a seguir e sempre movida pela mesma decisão e coragem, ela voltou a recolocar a cruz que trouxera.

Expectantes e inquietos, aguardamos a volta da destemida companheira. Ela, porém, não voltava. E todos nós, apreensivos e temerosos, corremos ao campo santo.

Em lá chegando, se nos deparou um quadro deveras desesperador. Junto à cruz que buscara, jazia, inanimado, o corpo da nossa querida companheira.

Todavia, logo se desfaz o nosso desespero. É que ainda pulsava o seu jovem coraçãozinho. Ela apenas desmaiara. E teve razão para tanto. Pois, a ponta da cruz, ao ser fincada, levou a fímbria do seu longo vestidinho. E quando quis se erguer, notou que algo a puxava para a sepultura. E o pavor, bastante compreensível, lhe provocou o desmaio.

Graças ao bom Deus, porém, apenas um grande susto, cujas conseqüências poderiam ter sido bastante piores.

Entretanto, além da advertência, a grande lição:

"Não brinquem com coisas sérias!"

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

DER URWALDSBOTE — Edição portuguesa: N° 2 de 12 de Setembro de 1909: Por motivo do aparecimento da edição portuguesa do "Der Urwaldsbote", o senhor Tte., Cel. Chrispim Ferreira, comandante do 55° Batalhão de Caçadores, sediado em Blumenau, dirigiu à redação daquele jornal o seguinte ofício: — "Agradavelmente surpreendido com a remessa do primeiro número da edição portuguesa que tivestes a gentileza de oferecer à oficialidade do 55°, envio-vos os nossos melhores agradecimentos e sinceros aplausos pela feliz idéia, que tão elevado alcance moral representará no nosso meio social.

Saudações Cordiais

Tte. Cel. Chrispim Ferreira

Sua Magestade FREDERICO AUGUSTO, Rei da SAXÔNIA, em Blumenau

Dia 14 de junho de 1928, um lindo dia ensolarado, céu de puríssimo azul, se apresentava sobre o verde Vale do Itajaí, quando o hidroavião da CONDOR baixou às águas do rio Itajaí, na cidade do mesmo nome, trazendo a seu bordo, a ilustre visita, sua Magestade, Frederico Augusto III, da Saxônia, vindo de Porto Alegre, num vôo de cinco horas, com curta demora e escala em Florianópolis, para abastecimento do avião, até Itajaí. Amerrissagem e desembarque ocorreram sem incidentes, sendo S. M. cumprimentado, já na barca, pelos Srs. Marcos Konder e Curt Hering, Superintendentes, respectivamente, de Itajaí e Blumenau, mais outros membros da Comissão de recepção. A apresentação às demais personalidades de Itajaí e de Blumenau, deu-se em terra no trapiche.

Como o rei viajava incognito — o rei viajava como Conde de Hülfenberg e em sua companhia achavam-se o Coronel von der Damwrau-Drombowski e o prelado Müller, absteve-se de uma recepção oficial. Mas apesar disso grande massa popular aglomerara-se no cais do porto e acompanhou o ilustre visitante até ao hotel Burkhardt, onde foi servido o almoço. Iniciou-se depois a viagem de automovel até Blumenau, que durou duas horas. Durante o trajeto o rei e sua comitiva não puderam deixar de expressar sua admiração ante as belezas da paisagem. Pelas 5 horas da tarde a caravana chegava a Blumenau e como o tempo disponível era muito curto, foi, a seguir, só feito um breve passeio de automovel aos subúrbios de Blumenau, extendendo-se o passeio até à Usina do Salto e ao bairro do Bom Retiro, até à fabrica

Hering. Dessa forma S. M. teve oportunidade de conhecer, mesmo em forma modesta, alguns aspectos de nossa Blumenau.

No Hotel Holetz, à época o melhor da praça, haviam sido reservados aposentos para o rei e sua comitiva. Aqui também foi servido o jantar aos visitantes, tendo o ágape corrido na maior animação. Na conversação o ilustre visitante demonstrou sua satisfação por tudo que havia visto e lhe fora mostrado, expressando-se com louvores pelo que vira até agora no Brasil. Disse ser o Rio de Janeiro a mais linda cidade que já vira neste mundo, tendo também ficado admirado pelo quanto o elemento alemão aqui construira, sendo que estas impressões colheira principalmente no Rio Grande do Sul, onde permanecera durante cinco dias, tendo-lhe sido agradável surpresa em constatar que seus compatriotas ocupavam lugar de destaque na economia e na administração.

A festividade de recepção, propriamente dita, realizou-se depois no Teatro Frohsinn. No salão, festivamente decorado, onde também em lugar de destaque fora postado o retrato do rei, ladeado das bandeiras do Brasil e da Alemanha e orlado de fitas com as cores, verde e branca, da Saxônia, havia-se aglomerado numerosa assistência, ansiosa para prestar homenagem ao ilustre visitante que surpreendentemente incluíra Blumenau entre as poucas cidades por ele visitadas nesta viagem ao Brasil.

A entrada do ilustre visitante, todos se levantaram, saudando o monarca com prolongada salva de palmas. Enquanto o rei se dirigiu à mesa de honra, acenando para todos os lados, uma banda de música tocou a marcha marcial do seu 18º Regimento de Hússaros.

Após ao canto de uma cantiga de saudação em alemão, foi o soberano saudoso pelo Pastor Schroeder, com carinhosas e eloqüentes palavras, nas quais expressava a tristeza dos alemães no exterior pela fragmentação do império alemão, mas expressando sua fé na restauração da Alemanha e de sua formação nova em nação unida e forte. Terminou seu discurso com um "viva" ao monarca ouvindo-se a seguir o hino alemão cantado por todos os presentes. Em breve alocução, e visivelmente comovido, agradeceu o rei às palavras do orador, declarando sentir-se feliz, pois justamente no elemento alemão do exterior veio receber tão carinhosa manifestação e expressão do amor de seus compatriotas pela sua terra natal, findando, levantou sua taça num brinde aos blumenauenses. Uma agradável surpresa foi a recitação de versos, em dialeto saxão, do Sr. Willy Jungmichels, notando-se o quanto o rei se divertia com estas recitações.

Varias pecas musicais executadas pelo Club Musical e canções do coro masculino do Club Germânia, ambas sob a regência do maestro Heinz Geyer, preencheram números do programa organizado pela comissão. O segundo número humorístico esteve a cargo do Sr. Otto Arendt, que, como os anteriores também foi muito aplaudido.

Ao final, a Sociedade de Ginástica se apresentou ainda com umas danças folclóricas e rítmicas das ginastas femininas e de uma exibição

de ginástica, pela turma masculina, nas paralelas, sendo ambas as exibições muito aplaudidas.

O brinde de honra ao Brasil foi proferido pelo cônsul alemão, Sr. Otto Rohkohl, sendo cantado ao final, por todos os presentes, de pé, o hino nacional, seguindo-se prolongadas salvas de palmas. Finalizou a festividade com o cântico da canção da autoria do poeta blumenauense, sr. Rudolfo Damm: “— Das vagas azuis do mar, ergue-se um país maravilhoso”. —

Devido ao cansaço do dia o rei com sua comitiva retirou-se do local terminando assim a festa oficial da recepção, o que no entanto não impediu que muitos ainda ali permanecessem para um animado “bate-papo” ao sabor de um chop.

Na manhã seguinte, da 15 de junho, o ex-monarca da Saxônia deixou Blumenau, viajando de automovel até Itajaí, acompanhado por numerosas personagens para tomar o hidro-avião até Santos, onde, após alguns dias de permanência em São Paulo, embarcou no vapor “Cap Arcona” que o levou à Europa. A impressão deixada por esta visita foi de que, em tão curto tempo, melhor não poderia ser oferecida uma recepção condigna como esta ao rei, que visivelmente ficou muito comovido e satisfeito com tudo quanto os blumenauenses lhe ofereceram nesta curta e inesperada visita.

Nº 6 de 10/OUT. — 1909 — URWALDSBOTE

VOLUNTÁRIOS DE MANOBRAS — O 55º Batalhão de Caçadores admitiu, para os exercícios de manobras deste ano moços de 17 a 30 anos, a fim de se habilitarem na instrução de recruta e obterem a caderneta de reservistas, após de aprovados em exames. Para este fim apresentaram-se na sede do Batalhão os seguintes 25 moços, todos pertencentes a conceituadas famílias blumenauenses, são eles: Gustavo Feddersen, Oswaldo Hiendlmaver, Reinhold Lisenberg, Karl Lisenberg, Max Feddersen, Luiz Rischbieter, Rudolph von Altrock, Frederico Rabe, Julius Baumgarten, José da Cunha Silveira, Joseph Metzger, Achilles Boettger Otto Lüders, Hermann Lüders, Adolf Schulz, João Timótheo Pacheco, Julius Strobel, Hermann Hoennecke, Rudolf Damm, Manoel Leão dos Anjos, Rudolf Guenther, Franz Wehnuth, Hellmuth Gropp, Leopold Manke, Ludwig Manke.

Urwaldsbote, nº 7, de 17/10 - 1909 — UNIÃO BLUMENAUENSE”. Esta sociedade, que foi fundada a 1º de Agosto de 1909, primordialmente para unir em relações sociais e culturais as famílias blumenauenses imigradas e seus descendentes com as de outras origens que vieram fixar residência em Blumenau, aprovou seus estatutos em sessão de 22 de Agosto daquele ano, nos quais estabeleceu ter por fim: a) Proporcionar distração aos seus associados e suas famílias, por meio de par-

tidas mensais, pequenos concertos, palestras declamativas, jogos e divertimentos eventuais; b) Manter uma biblioteca para recreio de seus associados; c) Comemorar solenemente a data da fundação da Sociedade. Além disso seus estatutos também previam, em seu art. 39: Quando for possível e houver sócios que queiram prestar semelhante serviço, a sociedade manterá aulas de Português, Aritmética, Geografia Geral e do Brasil com dissertação da dos outros povos, Desenho geométrico e Noções de Escrituração mercantil. Estas aulas serão para os filhos e parentes dos sócios.

Reza o Art. 40: Além dos jogos mais vulgares, manterá a Sociedade um bilhar, o jogo da esgrima, tiro ao alvo e um pequeno museu anexo à biblioteca.

Assinaram os referidos Estatutos os seguintes membros da comissão: Tte. Cel. Chrispim Ferreira, como Presidente; João da Rocha, 2º Secretário, Antônio Enéas Pereira Brazil, 1º Tenente, Francisco da Cunha Silveira, Tesoureiro; 2º Tenente Alcebiades de Oliveira Brazil; Felipe Doerck; Rodolfo Ferraz, Alvaro Agricola Soares Dutra, Gustavo Maria de Andrade S. Thiago; Cândido José do Nascimento; Joaquim Camara e Randolpho Guasque.

Urwaldsbote, de 9/10/1909 — Club Ginástico — A "soirée" do Club Ginástico, realizada no salão Holetz, no domingo passado atraiu a mesma concorrência que as antecedentes; o salão espaçoso apinhouse de espectadores, sendo bem considerável a receita a favor do fundo de construção de uma sala de ginástica. Dentre os exercício exibidos são especialmente dignas de menção duas danças de ginastas disfarçados e uma série de exercícios difíceis de varas metálicas, dando testemunho de grande aperfeiçoamento também os outros exercícios que se fizeram nos aparelhos. Os entremeses humorísticos, excelentemente bem recitados, desencadearam às vezes verdadeiras explosões de hilariedade. É o desejo geral que os arranjadores resolvam repetir o programa em parte, podendo eles também em segunda apresentação, contar com lucro satisfatório.

Urwaldsbote nr. 10, de 7/11/1909 — Estrada Nova — Sem ruído, está fazendo um ano, foi uma estrada nova em nosso município franqueada ao trânsito, estrada que merece ser conhecida, visto conduzir a um território, pelo qual apenas vagueavam um ou outro caçador, uma ou outra tribo de selvícolas. Falamos da estrada que, comunicando o Rio dos Bugres com a Vargem Grande, está construída num comprimento de oito quilômetros, pouco mais ou menos. O empresário, sr. Oswaldo Odebrecht, nos entregou uma série de fotografias que nos foram evidentes as grandes dificuldades com que a construção dessa estrada tinha que lutar, e que motivam completamente as quantias consideráveis, que o governo do Estado lhe mandou pagar fora do contrato. A estrada, ladeada pelo Rio dos Bugres, e passando pelo

cume característico da “Cabeça do Bugres”, atravessa uma região escabrosíssima, que pouco ou nada presta para ser colonizada. Por trechos compridos a estrada corta camadas de porfirio, evitando-se assim ascensões perdidas. As terras da Vargem Grande são bem colonizáveis e é por causa disso que aqui já se estabeleceram numerosos lavradores, mas que não tinham à sua disposição uma via de comunicação com o Aquidaban. Atualmente é possível proceder-se ao povoamento de todo esse território. Porém, de novo levanta-se agora a questão dos bugres; porque toda a vasta região quase inexplorada e que se estende da fonte do Neisse até o Spitzkopf, é ainda freqüentada pelos selvagens, de cujos assaltos é necessário serem defendidos os colonos, para que a colonização possa progredir.

(Excerto do jornal “Der Urwaldsbote. de 15 de junho de 1928)

Meio-Ambiente realizou palestras para 5 mil alunos

Tendo como objetivo a conscientização em preservar o meio-ambiente, despertar o amor pela natureza e desenvolver o espírito conservacionista nas crianças, o Setor de Comunicação Social da Assessoria Especial do Meio Ambiente da Prefeitura de Blumenau realizou um total de 65 palestras, durante o mês de março último, em 13 escolas municipais e estaduais, atingindo a um total de 5.344 alunos. Estas palestras, com o auxílio de audio-visuais “Ecologia em Transformação” e “Vamos Estudar o Nosso Meio-Ambiente”, terá continuidade nas demais escolas e, segundo a Chefe do Setor de Comunicação Social da AEMA, Karin Miehe, os professores de Ciências e Biologia receberam material didático, que servirá como subsídio e reforço aos alunos.

Biblioteca Municipal registrou quase 2 mil consultas em março

A Biblioteca Municipal “Dr. Fritz Müller”, da Fundação “Casa Dr. Blumenau”, registrou, em março último, um total de 1.896 consultas e o empréstimo de 781 obras, principalmente para estudantes de todos os níveis de Blumenau, sendo que os livros sobre generalidades e ficção foram mais consultados, num total de 460 obras, enquanto que foram feitos 559 empréstimos de livros sobre literatura.

Existiam, anteriormente, 67.825 obras na Biblioteca, sendo que, com as obras adquiridas no valor de Cr\$ 23 mil e doadas, este volume passou para 68.082 obras. Já a Biblioteca Ambulante, vinculada à Biblioteca Municipal, registrou 263 empréstimos em março de um total de 3.094 obras existentes à disposição de alunos das escolas municipais.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA